

A Era dos Mastodontes

O presidente Collor de Mello reagiu oportuna e energicamente à onda do *-baixo astral* que tomou conta do país nas últimas semanas. Se a situação é grave, mais grave ficará se o pessimismo invadir de vez, em um ano e meio de governo Collor — e, portanto, a três anos e meio do final do seu mandato —, os corações e as mentes dos brasileiros.

Bem verdade que a nação tem sofrido com sucessivos insucessos, sobretudo na área econômica. A inflação, sintoma de problemas infra-estruturais ainda não resolvidos, mostra-se um tigre difícil de ser abatido. Mas não se pode dizer que o governo tenha se, acimplicado, em nenhum momento, com esse estado de coisas.

Junto com a faixa presidencial, Collor herdou décadas de erros, que se acumularam especialmente durante os governos militares. Foi nesse período que erigiu-se o Estado “mastodônico e corrupto” a que se referiu. Corresponde à era mesozóica da economia brasileira. A censura à imprensa e a repressão política favoreceram a engorda do monstro. Não é fácil desmontá-lo. Haja vista a histeria que tomou conta de alguns setores por causa da venda de uma estatal.

É preciso de todo modo, como disse o presidente na sua entrevista, afastar para bem longe, sobretudo neste momento de crise, o estigma da falta de seriedade supostamente atribuída aos brasileiros numa frase que o presidente De Gaulle não disse. Dizer que o Brasil não é um “país sério” é uma redução — como acentuou o presidente Collor — que não condiz com os esforços que o país tem feito para honrar seus compromissos junto a instituições internacionais.

O fato de o grosso do povo brasileiro vir suportando com dignidade, e por tanto tempo, situações de grande dificuldade — mais favoráveis ao caos do que

à ordem —, também não aponta para falta de seriedade. Se há irresponsabilidade, ela está encravada, como denunciou o presidente, em instituições que não conseguem portar-se à altura do que representam. Verifica-se, hoje, uma impressionante desarmônia entre os poderes da República, aparentemente transformados em corporações, onde os interesses pessoais se põem acima de tudo.

Temos, hoje, como produto final da ditadura militar, cujos vícios prologaram-se governo Sarney adentro, um Estado superdimensionado — e, por causa disso, corrupto. O agigantamento do Estado aconteceu em regimes socialistas neste século, a pretexto de servir ao povo. No Brasil, pelo que se vê, a máquina estatal cresceu a limites extremos apenas para justificar o papel dos responsáveis pela sua manutenção.

O Estado, esquizofrenicamente, descolou-se da nação, do povo e até do território nacional — se levarmos em conta as peculiaridades de Brasília. Não temos um Judiciário que funcione de maneira desejável. As denúncias recentes de corrupção envolvendo magistrados revelam a incapacidade que os gigantes têm de examinar as partes mais baixas do corpo. O Legislativo também não consegue marchar em direção à seriedade. As denúncias de nepotismo e de prodigalidade — que são as mais amenas de todas —, feitas à custa do dinheiro público, também revelam um mastodonte sem rumo.

Enxugar o Estado, como quer o governo com o programa de privatização, é uma tentativa de torná-lo mais administrável e, por consequência, menos corrupto. Para que não repercutam apenas, na imprensa internacional, os pontapés dos piqueteiros da CUT. Este, sim, é um caso de falta de seriedade.